

Marias que contam histórias: a escrita da vida e as marcas de uma escrita negra em três autoras brasileiras

Marías que cuentan historias: la escritura de la vida y las marcas de una escritura negra en tres autoras brasileñas

Maria de Nazaré Barreto Trindade¹

Resumo

Este artigo pretende fazer uma discussão sobre a produção literária de três autoras negras, diaspóricas e que até bem pouco tempo estavam ausentes das rodas de conversas, das discussões acadêmicas e das referências de autores considerados como os grandes críticos da literatura brasileira, entre eles Alfredo Bosi e Antonio Candido. Três mulheres, mil histórias - mil formas de se contar: a escrita de Maria Firmina, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo compõem a busca de se construir outro cânone literário ou pelo menos de assegurar o lugar de fala e de escrita de escritores (as) negros (as) postos no completo anonimato. Alguém incomodada com a forma estrutural como a literatura organiza os seus lugares, penso que é necessário se construir outro, um que traga das margens, os inominados, os ausentes, aqueles que tendo nome foram apagados, aqueles que assim mesmo teimaram em escrever no tecido de dias e noites sua história, suas angústias e esperanças, suas palavras, suas coisas, seus diários, seus dizeres, suas dores e lamentos, sua vida, em papéis catados no lixo, em noites maldormidas por dificuldades de uma vida inteira. Enfim, a tarefa central é estudar e produzir conhecimento sobre a literatura de um grupo subalternizado pela história de escravização, pelas diásporas. É uma escolha ideológica também trazer para a superfície do papel a escrita de mulheres que ousaram falar a partir do seu espaço de pertencimento, a partir das suas lutas que deixam de ser individuais para se tornarem lutas de um povo, de um coletivo social.

Palavras-Chave: Diáspora; Literatura negra; Mulheres; Subalternos.

Resumen

Este artículo pretende hacer una discusión sobre la producción literaria de tres autoras negras, diaspóricas y que hasta muy poco tiempo estaban ausentes de las ruedas de conversaciones, de las discusiones académicas, y de las referencias de autores considerados como los grandes críticos de la literatura brasileña, entre ellos Alfredo Bosi y Antonio Candido. Tres mujeres, mil historias-mil formas de contar: la escritura de María Firina, Carolina de Jesús y Concepción Evaristo. Compone la búsqueda de construir otro canon literario o al menos de asegurar el lugar de habla y de escritura de escritores negros puestos en el completo anonimato. Alguien incomodada con la forma estructural como la literatura organiza sus lugares, pienso que es necesario construir otro, uno que traiga de las márgenes, los inominados, los ausentes, aquellos que teniendo nombre fueron borrados, aquellos que así mismo teimaron en escribir en el tejido de días y noches su historia, sus angustias y esperanzas, sus palabras, sus cosas, sus diarios, sus palabras, sus dolores y lamentos, su vida, en papeles a la basura, en noches mal dormidas por dificultades de una vida entera. En fin, la tarea central es estudiar y producir conocimiento sobre la literatura de un grupo subalternizado por la historia de esclavización, por las diásporas. Es una elección ideológica también que traer a la superficie del papel la escritura de mujeres que se atrevieron a hablar de su espacio de pertenencia, a partir de sus luchas que dejan de ser individuales para convertirse en luchas de un pueblo, de un colectivo social.

Palabras- Clave: Literatura negra, Mujeres, Diáspora, Subalternos.

¹Mestra em Estudos Literários pela UFPA; Doutoranda em Antropologia Social- PPGA/UFPA; Belém, Pará, Brasil; e-mail de contato: moaraufpa@hotmail.com.

1. Introdução- As mulheres na Literatura Brasileira

Livro publicado por Regina Dalcastagné aponta que após o estudo de 258 romances brasileiros publicados pelas principais editoras do país Companhia das Letras, Record e Rocco, com o recorte de 165 escritores “ 72,7% são homens e mais gritante destes, 93,9% dos autores e autoras estudados são brancos”(DALCASTAGNÉ, 2012, p. 89).

Não obstante esse quadro de pouca participação da mulher nos espaços de publicação, a autora aponta ainda, que apesar de pouco expressiva em números, a representação das mulheres na literatura indica uma tendência de crescimento: elas estão sendo mais publicadas por grandes editoras do que antes. A autora, depois de estudar os romances publicados entre 1990 e 2004, fez o mesmo com romances da época da ditadura, de 1965 a 1979. Das décadas de 1960 e 1970 para as décadas de 1990 e 2000, a proporção de autoras cresceu de 17,4% para 27,3%, uma possível conquista do feminismo que floresceu nesse período. Já a presença de personagens femininos decaiu de 40,7% para 37,8%. No que diz respeito à cor, a proporção de autores brancos cresceu de 93% para 93,9%.

E quando se trata de autores e personagens negros? Em seu estudo sobre a representação do negro nos romances aponta ainda uma participação insignificante de 7,9% contra 79,8% de brancos (DALCASTAGNÉ, 2012). Resta-nos interpretar esses dados com base na compreensão de que a construção da nacionalidade brasileira tem sido marcada pela incontestável tentativa de excluir vozes do cenário nacional e de pôr na subalternidade todos aqueles que se proferem e se autoidentificam como negra (o).

Essa ausência é um contundente silenciamento imposto pelas condições societárias brasileiras de cortes patriarcal, racial, étnico e sexista, que desde seu nascedouro colonial impôs ao feminino, tarefas unicamente procriadoras e mantenedoras da felicidade do lar. A condição feminina de subalternidade é representada em diversos romances principalmente do século XIX. É claro que a resistência sempre existiu e se traduziu em lutas por sufrágio, por acesso à educação, marca inclusive da luta de Maria Firmina que ainda em meados do XIX viria a ser a primeira professora nomeada em 1847 para a *Cadeira de Instrução Primária*, em Guimarães, Província do Maranhão.

Tornou-se ultrajante observar a forma vertical, branca e sexista como a literatura organiza o seu cânone, os seus pares. Esse incômodo e a entrada no curso de antropologia levaram-me a pensar como tecer nas malhas de uma sociedade marcadamente desigual outra história literária que traga das margens os inominados, os ausentes, aqueles que tendo nome foram apagados, aqueles que assim mesmo teimaram em escrever no tecido de dias e noites suas histórias, suas angústias e esperanças, suas palavras, suas lutas, seus diários, seus dizeres, suas dores e lamentos, sua vida, enfim, talvez seja essa a grande tarefa. Neste sentido, esse diálogo inicia-se com uma questão-reflexão: Eu estudo um grupo social? De certo modo, sim. Estudo a produção literária de um grupo subalternizado pela história da escravização, pelas diásporas. Estudo uma literatura diaspórica. E isso está muito claro na vida dessas três mulheres: Maria Firmina, Carolina de Jesus e Conceição Evaristo, três Marias, três histórias de vida e re(e)xistência. Quantos outros nomes foram subtraídos da história e da literatura?

Numa pesquisa inicial constatou-se a incômoda ausência de vozes femininas na voz de grandes críticos e estudiosos da literatura como, por exemplo, Alfredo Bosi, Antonio Candido, José Veríssimo, Nelson Werneck Sodré, José Aderaldo Castelo, José Guilherme Merquior, Afrânio Coutinho. Em *Literatura e sociedade*, Antonio Candido se remete ao feminino tão somente como público consumidor de uma literatura produzida: “Poucas literaturas terão sofrido, tanto quanto a nossa, em seus melhores níveis, esta influência caseira e dengosa, que leva o escritor a prefigurar um público feminino e a ele se ajustar”

(CANDIDO, 2006, p. 88). Não obstante esse papel de leitoras atribuído às mulheres, muitas delas foram além e se atreveram a esboçar suas escritas e a expô-las ao mundo. É bem o que diz Maria Firmina no prólogo do seu livro: “Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume” (REIS, 2017, p. 25).

2. As Marias que contam Histórias

Esse artigo é o encontro de três grandes autoras da literatura brasileira. Desconhecidas para o grande público, pouco estudadas e refletidas nos espaços formais de ensino, mas que se impuseram na cena cultural de seus estados, tiveram dificuldades de toda ordem e apresentam um legado de escrita de vida e de resistência que deve ser considerado pelas gerações atuais e futuras desse país. É um encontro de mulheres que viveram em tempos históricos diferentes. Experienciaram as suas maneiras algumas agruras advindas da cor da pele e por habitarem uma nação que em seu processo sócio-histórico marginaliza e estigmatiza milhares de afrodescendentes.

Na cronologia do silêncio imposto, apresenta-se, inicialmente, Maria Firmina. Nasceu no Maranhão, na cidade de São Luiz em 11 de outubro de 1825. Filha de pai negro e mãe branca. Seu romance é considerado uma crítica à escravidão. Revestido sob a influência ainda do romantismo, o romance traz alguns personagens – que demonstram algo de novo em relação aos personagens negros até então construídos.

O lançamento de “Úrsula” foi tímido, conhecido pela cidade de São Luiz por uma pequena nota no jornal “A Moderação” de 11 de agosto de 1860², que expunha em suas últimas linhas “Úrsula - romance original brasileiro: a autoria feminina da Exma. Sra. D. Maria Firmina dos Reis, professora pública em Guimarães”. Considerada pioneira na crítica antiescravista da nossa literatura, Maria Firmina,

Negra, filha de mãe branca e pai negro, registrada sob o nome de um pai ilegítimo e nascida na Ilha de São Luís, no Maranhão, Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917) fez de seu primeiro romance, Úrsula (1859), algo até então impensável: um instrumento de crítica à escravidão por meio da humanização de personagens escravizados (REVISTA CULT, 2009).

Em artigo publicado na ANPUH a professora Regia Agostinho da Silva da Universidade Federal do Maranhão afirma:

Maria Firmina dos Reis construiu uma voz dissonante na literatura do século XIX, principalmente por ser uma mulher escritora, em um período no qual a escrita pública era quase exclusivamente masculina, é voz dissonante também por ser mulata, autodidata e por escrever sobre os escravos em uma perspectiva completamente diferente do que foi colocado por outros literatos, como Bernardo Guimarães, José de Alencar, onde os cativos eram vistos como vítimas passíveis da escravidão ou como elementos perniciosos no contato com as famílias brancas (SILVA, 2009, p.9).

Carolina Maria de Jesus, mineira nascida em 14 de março de 1914 em Sacramento, interior de Minas Gerais, 26 anos após o decreto da propalada abolição da escravidão negra

² Informação retirada da Revista CULT. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em novembro de 2018.

no país e do proclame da república, dois fatos que marcaram a história da sociedade brasileira àquele período. Carolina é filha de uma filha do ventre livre Maria Carolina de Jesus e de João Cândido Veloso, pai que ela não conheceu. E do qual temos conhecimento por meio de sua escrita, anos depois, no seu último trabalho, publicado postumamente em 1986, com o título Diário de Bitita: “Um dia ouvi de minha mãe que meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. E o nome da minha avó era Joana Veloso. Que o meu pai tocava violão e não gostava de trabalhar. Que ele tinha só um terno de roupas” (JESUS, 1986, p. 6).

Em relação à escrita de Carolina é importante ressaltar que toda sua obra é muito significativa como retrato em preto e branco de uma situação social extremamente carente, conformada nas favelas em São Paulo. Foi em Canindé que viveu e escreveu grande parte de sua obra em papel usado. Nos 13 cadernos recolhidos pelo jornalista Audálio Dantas existe a pulsação frequente e forte de alguém que decidiu não desistir da vida, apesar de, em sua interpretação, a favela ser um lugar inóspito e de em alguns momentos ceder a um pensamento ruim, afinal, para ela, a favela era o infortúnio. Era onde “respirava o odor dos excrementos que mescla com o barro podre” (JESUS, 1960, p. 37).

Carolina tem uma opinião formada sobre a realidade que a cerca e disso constrói o estandarte de sua defesa contra os momentos difíceis na favela. E, ainda, veste uma “máscara social” que a individualiza diante dos outros, fortalece sua alteridade e a posiciona como a negra que lê, que toda noite enquanto os vizinhos se embebedam e brigam, senta-se e escreve os ocorridos naquele dia. Ela se diz:

O livro... me fascina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou meus pensamentos. Evitando os abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bussola que ha de orientar o homem no porvir (...). (JESUS, 1986)

Carolina é uma mulher que em sua escrita expõe as marcas de uma sociedade que se constituía desde sua origem de forma extremamente desigual. Carolina faz uma leitura do seu mundo e traduz em palavras, com força de denúncia todo o drama, toda luta diária não apenas dela, mas de um coletivo, a favela, sujeito coletivo que emerge por esse período como signo de uma modernidade, possivelmente de uma modernidade líquida.

Chegamos aqui à última escritora, contemporânea, nascida na favela de Pendura Saia em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946. Maria Conceição Evaristo de Brito é uma voz que hoje se posiciona na cena literária brasileira. Colaboradora do movimento negro em São Paulo, teve os seus primeiros escritos publicados nos *Cadernos Negros*, do grupo paulista *Quilombhoje em 1989*. Tem diversos contos publicados em obras coletivas e seis obras individuais, dentre elas, *Becos da Memória* e o romance *Ponciá Vicêncio*.

3. Um pouco da discussão

És tambor na minha canção
E tanto soaram acordes em noites luzidias e quentes
Que minha escrita traz as noites subsaarianas das Áfricas invadidas
dos amores apartados
dos chicotes vicejando nas matas! (*Moara*)

Inicialmente, existem nas autoras estudadas alguns aspectos identitários comuns, um deles é a ligação em maior ou menor grau com a violência física, simbólica e social da escravização de milhares de seres humanos que aqui aportaram. Em segundo lugar, as três produziram uma escrita da vida, como diz Conceição Evaristo, “escrivência”, expondo as

aguras da vida de negros no Brasil, em três contextos diferentes apenas do ponto de vista das condições sociais e econômicas vigentes, diferentes, mas onde questões ideológicas e raciais são praticamente semelhantes, não fosse as diferentes formas de atingir o outro. Portanto, vislumbra-se uma escrita da resistência ao *status quo* posto.

Outro aspecto importante a ser assinalado é o da autoria, a coragem de lançar-se para o público. Lembrei-me de algo bem marcante quando li “Quarto de Despejo”, de Carolina de Jesus. Em determinado momento do diário alguém pergunta a ela “negra fedida porque tu escreves”? E ela fica pensando e observa as outras mulheres e homens da favela e diz “Eu não danço, não canto, mas escrevo”. Escrevia para sobreviver em meio a um cotidiano extremamente difícil, era catadora de lixo e registrava em papel amarrotado e amarelo a dureza e a alegria do seu cotidiano³. Meio século depois, Conceição Evaristo reflete sobre estas questões: ao negro são associadas às representações da sensualidade, da dança, da musicalidade, resta agora mostrar ao mundo que há uma literatura rica em elementos ficcionais e temáticas escritas por peles negras, e que são vozes que saem aos poucos da sombra de cânones estabelecidos pelas vozes dominantes até então. Em entrevista ano passado com a professora Conceição perguntei sobre sua percepção atual acerca da subalternidade e de como a literatura poderia contribuir para quebrar alguns grilhões simbólicos, outros nem tanto, que ainda nos acorrentam às representações muito negativas da negritude. Ela respondeu:

[...] inclusive se você fala em termos concretos em termos reais você vai ver que na pirâmide social as mulheres negras é que estão ainda na pirâmide social, os trabalhos menos valorizados socialmente ainda cabem a essa mulher negra. E a literatura, ela pode ajudar através da educação, eu acho que a literatura, acho não, a literatura pelo fato de lidar com as emoções, talvez o efeito que um texto literário possa fazer é muito maior do que um texto histórico, mas ele primeiramente ele vai tocar as emoções, por exemplo, se você ler *Um defeito de cor* de Ana Maria, quantas informações aquele livro traz e é uma ficção, se fosse um texto histórico poderia não produzir tanto efeito assim (Informação verbal).

Assim é uma escolha ideológica trazer para a superfície do papel a escrita de mulheres que ousaram falar a partir do seu espaço de pertencimento, a partir das suas lutas diárias, incansáveis, exigentes, e são lutas que deixam de ser individuais para se tornarem lutas de um povo, de um coletivo social. Escrever é uma arte e a escrita autoral é uma conquista. Para finalizar, entende-se que as relações de poder estabelecidas no Brasil são extremamente perniciosas a vozes que se posicionam, que criticam, que refletem, sejam elas oriundas de quaisquer área do conhecimento. A literatura tem um papel importante de trazer à luz essas vozes subalternizadas⁴, de produzir conhecimento sobre esses escritores. Como afirma Dalcastagné:

[...] é preciso reconhecer que nosso olhar é construído, que nossa relação com o mundo é intermediada pela história, pela política, pelas estruturas sociais. Negar isto é insistir na perpetuação de uma forma de violência que elimina da literatura tudo o que traz as marcas da diferença social e expulsa para os guetos tantas vozes criadoras (2012, p.8).

³No artigo “CAROLINA, A MULHER PELO AVESSO: UMA POÉTICA DO DESASSOSSEGO”, publicado nos anais do V CIELLA faço uma análise literária de Quarto de Despejo, evidenciando esse protagonismo na escrita de Carolina de Jesus.

⁴ Pretende-se inserir no artigo final discussão sobre alteridade e subalternidade

Muitas e novas questões surgirão nesse percurso. Um país com dimensões continentais, lugar de aporte de tantas nações africanas, possui com certeza um imenso tesouro literário a ser descoberto. São séculos de sombra sobre uma produção que aos poucos vai tomando seu lugar numa cena marcada pelo domínio do branco e das classes abastadas da sociedade brasileira. É claro que num contexto escravocrata como o que viveu Maria Firmina dos Reis (1825), até o fato de ela ter publicado seus escritos com o pseudônimo “A maranhense” já representava uma resistência e uma vontade e coragem de se dizer, de ir à luz, mesmo, de desafiar o poder estabelecido, ainda que de forma temerosa e acreditando que seus escritos não tinham valor literário. São desses personagens que se precisa falar, de seus escritos, de seus estilos, de suas lutas, de sua resistência, de suas ausências.

Referências

- CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- DALCASTAGNÉ, R. 2012. Literatura brasileira contemporânea: um território contestado. Rio de Janeiro: editora da Uerj.
- DUARTE, Eduardo de Assis. “Maria Firmina, mulher do seu tempo e do seu país” Prefácio. In: REIS, Maria Firmina dos. Úrsula; A Escrava. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2017.
- EVARISTO, Conceição Maria.PonciáVicêncio. Rio de Janeiro: Pallas, 2017
- _____. 2008. Ver e imaginar o outro: alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. São Paulo: editora Horizonte.
- _____. 2017. Entrevista. Entrevistadora: Maria de Nazaré Barreto Trindade. 30 m. Gravada e transcrita.
- JESUS, Carolina Maria de. Quarto de Despejo: diário de uma favelada. São Paulo: livraria Francisco Alves, 4. edição, 1960.
- _____,Diário de Bitita, 1986
- REIS, M. Firmina dos. Úrsula: romance; A escrava: conto. Belo Horizonte: Ed. PUC- Minas, 2017
- Revista CULT. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>. Acesso em novembro de 2018.
- SILVA, Régia Agostinho da, “A mente, essa ninguém pode escravizar”: Maria Firmina dos Reis e a escrita feita por mulheres no Maranhão. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009, p.1-10

D'ANGELO, Helô. Quem foi Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira. In: Revista CULT. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/centenario-maria-firmina-dos-reis/>, 10 de novembro de 2017

Trabalho aceito com modificações.

Belíssimo trabalho, Maria. Acreditamos que seria super pertinente abordar o conceito de interseccionalidade no trabalho. Seria uma grande contribuição para os estudos sobre o tema.